

Exercícios de Pós-modernismo: Poesia

1. (ENEM)

Meu povo, meu poema

Meu povo e meu poema crescem juntos
Como cresce no fruto
A árvore nova
No povo meu poema vai nascendo
Como no canavial
Nasce verde o açúcar
No povo meu poema está maduro
Como o sol
Na garganta do futuro
Meu povo em meu poema
Se reflete
Como espiga se funde em terra fértil
Ao povo seu poema aqui devolvo
Menos como quem canta
Do que planta

FERREIRA GULLAR. Toda poesia. José Olympio: Rio de Janeiro, 2000.

O texto *Meu povo, meu poema*, de Ferreira Gullar, foi escrito na década de 1970. Nele, o diálogo com o contexto sociopolítico em que se insere expressa uma voz poética que:

- Precisa do povo para produzir seu texto, mas se esquivava de enfrentar as desigualdades sociais.
- Dilui a importância das contingências políticas e sociais na construção de seu universo poético.
- Associa o engajamento político à grandeza do fazer poético, fator de superação da alienação do povo.
- Afirma que a poesia depende do povo, mas esse nem sempre vê a importância daquela nas lutas de classe.
- Reconhece, na identidade entre o povo e a poesia, uma etapa de seu fortalecimento humano e social.

2. (ENEM)

O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água

na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.

Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

(...)

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

(Ferreira Gullar)

A antítese (ideias opostas) que apresenta uma imagem da divisão social do trabalho na sociedade brasileira é expressa poeticamente na oposição entre a doçura do branco açúcar e

- O trabalho do dono da mercearia de onde veio o açúcar.
- O beijo de moça, a água na pele e a flor que se dissolve na boca.
- O trabalho do dono do engenho em Pernambuco, onde se produz o açúcar.
- A beleza dos extensos canaviais que nascem no regaço do vale.
- O trabalho dos homens de vida amarga em usinas escuras.

3. (ENEM)

Brazil, capital Buenos Aires

No dia em que a bossa nova inventou o Brazil
Teve que fazer direito, senhores pares,
Porque a nossa capital era Buenos Aires,
A nossa capital era Buenos Aires.
E na cultura-Hollywood o cinema dizia
Que em Buenos Aires havia uma praia
Chamada Rio de Janeiro
Que como era gelada só podia ter
Carnaval no mês de fevereiro.

Naquele Rio de Janeiro o tango nasceu
E Mangueira o imortalizou na avenida
Originária das tangas
Com que as índias fingiam
Cobrir a graça sagrada da vida.
Tom Zé.

Disponível em <http://letras.terra.com.br>. Acesso em: abr. 2010.

O texto de Tom Zé, crítico de música, letrista e cantor, insere-se em um contexto histórico e cultural que, dentro da cultura literária brasileira, define-se como

- Contemporâneo à poesia concretista e por ela influenciado.
- Sucessor do Romantismo e de seus ideais nacionalistas.
- Expressão do modernismo brasileiro influenciado pelas vanguardas europeias.
- Representante da literatura engajada, de resistência ao Estado Novo.
- Precursor do movimento de afirmação nacionalista, o Tropicalismo.

4. (UERJ) O disco e a música Tropicália tornaram-se símbolos do "Tropicalismo", movimento protagonizado por artistas e intelectuais, no Brasil, em finais da década de 1960.



www.fontedesign.com.br

Tropicália

Sobre a cabeça os aviões
Sob os meus pés os caminhões
Aponta contra os chapadões
Meu nariz
Eu organizo o movimento
Eu oriento o carnaval
Eu inauguro o monumento no planalto central
do país
(...)
O monumento não tem porta
A entrada é uma rua antiga, estreita e torta
E no joelho uma criança, sorridente, feia e morta
Estende a mão
(...)

www.caetanoveloso.com.br

Esse movimento destacou-se, principalmente, pela seguinte proposta:

- Valorização do pluralismo cultural
- Denúncia das influências estrangeiras
- Enaltecimento da originalidade nacional
- Defesa da homogeneização de comportamentos sociais

5. (ENEM) A poesia que floresceu nos anos 70 do século XX é inquieta, anárquica, contestadora. A “poesia marginal”, como ficou conhecida, não se filia a nenhuma estética literária em particular, embora seja possível ver nela traços de algumas vanguardas que a precederam, como no poema a seguir.

S.O.S

Chacal

(...) nós que não somos médicos psiquiatras
nem ao menos bons cristãos
nos dedicamos a salvar pessoas
que como nós
sofrem de um mal misterioso: o sufoco

CAMPEDELLI, Samira Y. Poesia Marginal dos Anos 70. São Paulo: Scipione, 1995 (adaptado).

Da leitura do poema e do texto crítico acima, infere-se que a poesia dos anos 70

- a) Recuperou traços da produção de vanguarda modernista.
- b) Eliminou o diálogo com as artes visuais e as artes plásticas.
- c) Utilizou com frequência versos metrificados e temas românticos.
- d) Valorizou a linguagem poética das formas consagradas.
- e) Atribuiu ao espaço poético um lugar de fuga e escapismo.

6. (UNICAMP) Casimiro de Abreu é um poeta romântico e Cacaso é um poeta contemporâneo. “E Com Vocês a Modernidade”, de Cacaso, remete-nos ao poema “Meus Oito Anos”, de Casimiro de Abreu. Leia, com atenção, os dois textos a seguir transcritos e, aproximando seus elementos comuns e distinguindo os elementos divergentes, explique como o poema contemporâneo dialoga com a tradição romântica.

“Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida,
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
à sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!”

(Casimiro de Abreu, “Meus oito Anos”)

“Meu verso é profundamente romântico.
Choram cavaquinhos luars se derramam e vai
por aí a longa sombra de rumores e ciganos.
Ai que saudade que tenho de meus negros verdes anos!”

(Cacaso, “E Com Vocês a Modernidade”, poema de Beijo na Boca, 1975)

Texto para questão 7

Happy end

(Cacaso)

O meu amor e eu

nascemos um para o outro

agora só falta quem nos apresente

7. (UFRJ) O texto “Happy end” – cujo título (“final feliz”) faz uso de um lugar-comum dos filmes de amor – constrói-se na relação entre desejo e realidade, e pode ser considerado uma paródia de certo imaginário romântico. Justifique a afirmativa, levando em conta elementos textuais.

8. (ENEM)

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.

Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás da casa.

Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem.

BARROS, M. O livro das ignoranças. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Manoel de Barros desenvolve uma poética singular, marcada por “narrativas alegóricas”, que transparecem nas imagens construídas ao longo do texto. No poema, essa característica aparece representada pelo uso do recurso de:

- Resgate de uma imagem da infância, com a cobra de vidro.
 - Apropriação do universo poético pelo olhar objetivo.
 - Transfiguração do rio em um vidro mole e cobra de vidro.
 - Rejeição da imagem de vidro e de cobra no imaginário poético.
 - Recorte de elementos como a casa e o rio no subconsciente.
- a) Erísticas dessa corrente presentes no texto acima, indicando exemplos.